

A MISOGINIA PRESENTE NO CONTO “POR ONDE ANDARÁS?”, DE TEREZA ALBUES

THE MISOGYNY PRESENT IN THE SHORT STORY “POR ONDE ANDARÁS”, BY TEREZA ALBUES

Jesuino Arvelino Pinto¹

Luciane Ferreira²

Francielle da Cruz Vieira Sato³

RESUMO

A presença feminina em uma sociedade patriarcal é um tema recorrente em muitas obras literárias. Nesse sentido, a importância dessa questão reside na análise crítica de trabalhos escritos por mulheres, que abordam temas reais, atuais e fundamentais para a compreensão dos acontecimentos contemporâneos. Este estudo tem como objetivo discutir a subalternação das mulheres, promovida pelo machismo e pela misoginia da sociedade, por meio do silenciamento feminino, da violência e do abuso psicológico, demonstrados por meio da trajetória da protagonista do conto “Por onde andarás?” (2008, p. 85-88), uma das narrativas que compõem a coletânea *Buquê de línguas* (2008), da escritora mato-grossense Tereza Albues. Para o desenvolvimento deste estudo bibliográfico e analítico, buscou-se aporte teórico em Butler (2010), Claude Pouzadoux (2001), Harvey (2004), Lúcia Osana Zolin (2009), Magalhães (2002), Oliveira (2016) e Soares (1996). A literatura possibilita aos seus leitores entender o emaranhado de conflitos que os cercam e os definem como sujeitos pensantes e atuantes na sociedade em que vivem. As personagens das ficções de Tereza Albues evidenciam o aspecto social, como, por exemplo, no conto, “Por onde andarás?” ela aborda, de maneira simbólica, a misoginia enfrentada pelas mulheres, uma realidade que foi aceita e normalizada ao longo dos anos, e, dessa forma, contribui para a desconstrução de estereótipos de gêneros. A escrita feminina amplia o cânone literário ao trazer à tona vozes e perspectivas historicamente marginalizadas.

Palavras-chave: misoginia; feminino; Tereza Albues.

ABSTRACT

¹ Doutor em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, UNEMAT, Campus de Tangará da Serra. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem – FACHLIN, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

² Mestra em Letras, linha de pesquisa “Estudos Literários”, pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras, Campus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: luciane.ferreira@unemat.br

³ Mestranda em Letras, linha de pesquisa “Estudos Literários”, pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras, Campus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: francielle.vieira@unemat.br

The female presence in a patriarchal society is a recurring theme in many literary works. In this sense, the importance of this issue lies in the critical analysis of works written by women, which address real, current and fundamental themes for the understanding of contemporary events. This study aims to discuss the subalternization of women, promoted by machismo and misogyny in society, through the silencing of women, violence and psychological abuse, demonstrated through the trajectory of the protagonist of the short story "Por onde andarás?" (2008, p. 85-88), one of the narratives that make up the collection *Buquê de Línguas* (2008), by the writer from Mato Grosso Tereza Albues. To develop this bibliographic and analytical study, theoretical support was sought in Butler (2010), Claude Pouzadoux (2001), Harvey (2004), Lúcia Osana Zolin (2009), Magalhães (2002), Oliveira (2016) and Soares (1996). Literature allows its readers to understand the tangle of conflicts that surround them, which define them as thinking and acting subjects in the society in which they live. The characters in Tereza Albues' fiction highlight the social aspect, as, for example, in the short story, "Por onde andarás?" she symbolically addresses the misogyny faced by women, a reality that has been accepted and normalized over the years, thus contributing to the deconstruction of gender stereotypes. Female writing expands the literary canon by bringing to light historically marginalized voices and perspectives.

Keywords: misogyny; feminine; Tereza Albues.

Introdução

A história nos revela exemplos de mulheres que desafiaram as correntes dos séculos, erguendo-se além das sombras das limitações impostas. São mulheres de diferentes classes, moldadas pela pressão da cultura, transcenderam as fronteiras de seu destino, adentrando espaços públicos outrora dominados pela presença masculina. Num mundo onde os holofotes parecem eternamente direcionados aos homens, as mulheres são relegadas à margem, perdidas no emaranhado de uma existência marcada pelo temor, uma sentença nascida da promessa de submissão ao matrimônio.

A narrativa de vida das mulheres não é apenas a sua história, mas também a história das suas famílias, filhos e trabalho. É uma história sobre seus cadáveres, sua sexualidade, a violência a que foram submetidos e cometidos, sua loucura, seu amor e suas emoções.

A história de vida e superação de Tereza Albues é um exemplo de inspiração para muitos. De família pobre, a escritora teve uma infância e adolescência sofridas. Passou por muitas atribulações, desde um processo de escravidão branca vivido pelo pai

na chamada prática da política do aviamento, tão comum na época da colonização do Mato Grosso, até preconceitos raciais e sociais, por ter descendência negra e pobre. Ao se aprofundar na biografia de Albues, percebe-se que essas adversidades serviram de incentivo para ela querer/desejar uma vida melhor, ou, pelo menos, mais digna. Desde criança, ela gostava muito de estudar, principalmente de ler, hábito que contribuiu bastante para ajudá-la a superar as dificuldades. Após todas essas adversidades passadas com sua família, Tereza Albues foi morar no Rio de Janeiro, inicialmente para tratar de problemas relacionados à saúde do seu pai. Depois disso, firmou residência no Rio, arrumou um emprego, fez faculdade. cursou Letras, Direito e Jornalismo, abrindo portas, assim, para o mercado de trabalho e crescimento profissional.

Anos mais tarde, na década de 1980, foi morar nos Estados Unidos, onde viveu por 25 anos. Foi também o lugar em que produziu as suas obras: os romances *Pedra Canga* (1987), *Chapada da Palma Roxa* (1991), *Travessia dos sempre vivos* (1993), *O berro do cordeiro em Nova York* (1995) e *A dança do jaguar* (2000), além do livro de contos *Buquê de línguas* (2008).

Elas surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático (Hall, 2011, p. 109).

A década de 90 foi um dos marcos de transformação da literatura escrita por mulheres, pois elas passaram a apresentar personagens em suas narrativas não em funções sociais, mas com o seu protagonismo enquanto ser humano demonstrado. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Candido, 2004, p. 175).

Assim, o presente estudo objetiva demonstrar os traços de misoginia presentes no conto “Por onde andarás?” (2008, p. 85-88) de Tereza Albues, tendo em vista que a narrativa é centrada no submundo da prostituição, cujo foco está em uma travesti, descrita de maneira poética. A história aborda sua solidão e desprezo que sente por si mesmo, o que, na verdade, reflete o desmerecimento que a sociedade impõe às mulheres que não correspondem aos padrões estabelecidos. Nesta perspectiva, o aporte teórico

pressuposto inclui: Butler (2010), Claude Pouzadoux (2001), Harvey (2004), Lúcia Osana Zolin (2009), Magalhães (2002), Oliveira (2016) e Soares (1996).

Para alcançar os objetivos delineados e para a concretização deste estudo, optou-se pela metodologia de pesquisa qualitativa e análise interpretativa com enfoque no estudo sociocultural do conto “Por onde andarás?” (2008, p. 85-88), publicado na coletânea *Buquê de línguas* (2008), de Tereza Albues. Dessa maneira, realizou-se um estudo analítico dessa narrativa que constitui o corpus, por meio da pesquisa bibliográfica, composta por conteúdo previamente elaborado e publicado em fontes secundárias na forma de livros, dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos, trabalhos publicados, anais de eventos e outros impressos, além de documentos eletrônicos, no buscador Google Acadêmico e Periódicos da CAPES.

O contexto de misoginia no conto “Por onde andarás?” de Tereza Albues

A luta pela equidade de gênero não é apenas uma questão de justiça social, uma vez que tem implicações significativas para o progresso global, como mostram estudos que indicam que sociedades em que as mulheres têm igualdade de oportunidades tendem a ser mais estáveis, prósperas e inovadoras. Nesse sentido, promover a igualdade de gênero no século XXI envolve criar políticas igualitárias e mudar atitudes e valores.

A condição feminina deve ser definida pela liberdade de escolha e contribuição plena para o bem-estar social, e não por estereótipos ou limitações. Pelo exposto, a condição feminina é um espelho da evolução social e da persistente luta pela igualdade de gênero.

A humanidade, segundo Beauvoir (1970), não é apenas uma espécie, mas os significados que as espécies assumem em determinados contextos. Tanto o corpo quanto a ação adquirem um significado feminino apenas em relação ao mundo. O mundo é feito de padrões sociais que ditam o que significa ser mulher. Assim, as divisões e desigualdades entre homens e mulheres em situações sociais não se baseiam em fundamentos biológicos.

O enraizamento corporal em Beauvoir (1970) é o elemento central para compreender sua tese sobre a condição feminina. Ser o segundo sexo é a condição de uma subjetividade corporificada. Essa noção incorporada de subjetividade é semelhante

à sua tese sobre a alienação física das mulheres, de que ser “segundo” significa estar separado do corpo. Essa posição, pelo menos à primeira vista, parece contradizer a noção de que o corpo é uma situação. Mas essa contradição é clara porque Beauvoir nunca separou ontologicamente corpo e mente. A ideia de que o corpo pode ser algo externo às mulheres serve apenas para sublinhar que os contextos culturais e sociais tomam forma enquanto o corpo feminino é separado do sujeito.

Para a pesquisadora, o sexo é biológico, apesar da dificuldade de distinguir biologicamente entre masculino e feminino. Mas os machos e as fêmeas da espécie humana só podem ser comparados do ponto de vista humano, porque homens e mulheres, como outros conceitos, são conceitos gerados culturalmente. A anatomia e a fisiologia são um dos fatores que permitem definir uma pessoa. Mas isto não é o suficiente. Os dados fisiológicos adquirem significado apenas em relação ao contexto. Por exemplo, o comportamento feminino não é “determinado por hormônios ou pré-determinado pelos compartimentos cerebrais”.

Segundo Beauvoir (1970, p. 9), “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, o que implica que todas as expectativas impostas pela sociedade sobre o papel feminino não são inerentes às mulheres, mas construções sociais moldadas ao longo de séculos para atender às necessidades hierárquicas estabelecidas. Em muitos casos, o trabalho de estudiosos proeminentes de diferentes épocas contribui para a perpetuação dessas diferenças, reforçando os valores e ideias prevalecentes.

A abordagem dessa questão transcende a simples implementação de políticas públicas, posto que exige uma transformação cultural que valorize e respeite a diversidade de experiências e capacidades das mulheres. Assim, é preciso reconhecer que a equidade de gênero contribui para a estabilidade econômica, a inovação e a coesão social, tendo em vista que as sociedades que priorizam a igualdade tendem a ser mais resilientes e adaptáveis às mudanças globais, como dito anteriormente.

Há muito tempo o ser humano busca respostas para seus conflitos mais íntimos. A literatura possibilita aos seus leitores entender este emaranhado de conflitos que os cercam, definindo-os como sujeitos pensantes e atuantes da sociedade em que vivem, desenvolvendo uma consciência social, repensando seu papel na sociedade. Segundo Silva (2005, p. 7), “a leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição

para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas”. Os escritos literários funcionam como alerta de consciência para seus leitores.

Um sinal de liberdade, a transformação do comportamento feminino que se desconstruiu do que se considerava ideal por sua herança ancestral. Pensar o gênero enquanto processo, é contextualizar o indivíduo e a sociedade, e inclusive a subordinação do “eu” ao coletivo, “a representação do gênero é a sua construção - e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção” (Lauretis, 1994, p. 209).

A situação da mulher na sociedade é um tema complexo e multifacetado que tem sido objeto de discussão, luta e evolução ao longo da história. A posição das mulheres na sociedade varia significativamente de uma cultura para outra e ao longo do tempo, refletindo normas culturais, valores, crenças e estruturas políticas em constante mudança. Abordar a situação feminina é, portanto, uma tarefa que requer uma análise sensível e abrangente.

As mulheres que sofrem negligência e subalternização são de diferentes idades, origens étnicas, orientações sexuais, identidades de gênero, níveis socioeconômicos e contextos culturais. Infelizmente, a violência contra as mulheres é um problema global que afeta mulheres de todas as esferas da vida. Entretanto, as mulheres pobres e pretas sofrem de forma desproporcional com a violência. A interseccionalidade de gênero, raça e classe coloca essas mulheres em uma posição de maior vulnerabilidade diante da violência física, psicológica, sexual e econômica. Elas enfrentam obstáculos adicionais devido à discriminação racial e à falta de acesso a recursos e apoio.

A literatura de escrita feminina, em seu diversificado hall de produção, expressa-se por meio de uma grande variedade de estilos, temas e vozes. Na pós-modernidade, essa escrita adquire importância multifacetada e significativa ao representar e expressar experiências femininas complexas e diversas. Desafiando e subvertendo narrativas dominantes, ela questiona conceitos de gênero, identidade, poder e sexualidade. Contribuindo para a desconstrução de estereótipos de gênero, a escrita feminina amplia o cânone literário ao trazer à tona vozes e perspectivas historicamente marginalizadas, o que promove a diversidade e a inclusão no mundo literário, permitindo que uma variedade de experiências femininas seja compartilhada e valorizada. Segundo Lúcia Osana Zolin (2009, p. 105),

A chamada pós-modernidade – aqui tomada como um conceito ideológico amplo, alicerçado na infraestrutura industrial e econômica ocidental e na globalização, a partir dos anos 1960, que descreve profundas repercussões na expressão popular, na comunicação de massa, nas manifestações culturais, em geral – remete a traços que vão desde a ênfase na heterogeneidade, na diferença, na fragmentação, na indeterminação, até chegar à profícua desconfiança em relação aos discursos universais e totalizantes.

Zolin, ao abrir a discussão sobre a pós-modernidade, faz referência a um período de transformações profundas que se inicia a partir dos anos 1960, marcado por mudanças nas estruturas econômicas, sociais e culturais, impulsionadas pela globalização e pelo avanço da industrialização, principalmente no Ocidente. Ao falar da pós-modernidade como um "conceito ideológico amplo", a citação sugere que não se trata apenas de uma mudança técnica ou estrutural, mas também de uma nova maneira de pensar e compreender o mundo. O conceito de pós-modernidade caracteriza-se por uma série de paradoxos e tensões, com destaque para a valorização da heterogeneidade, da diferença e da fragmentação. Ao contrário da modernidade, que procurava a construção de grandes narrativas universalistas e totalizantes (como as ideologias ou teorias que buscavam explicar todo o curso da história humana, ou as grandes tentativas de sistematizar o conhecimento), a pós-modernidade emerge com uma postura crítica e desconfiada em relação a esses discursos globais.

Em vez de buscar uma grande verdade universal, a pós-modernidade aceita a pluralidade de perspectivas e a impossibilidade de uma única explicação para a realidade. Isso se reflete, por exemplo, na multiplicidade de formas culturais, na diversidade de estilos e nas diferentes maneiras de ver e viver o mundo. A fragmentação é vista tanto na sociedade, com uma maior visibilidade das identidades e dos grupos minoritários, quanto na própria cultura, com o enfraquecimento de grandes narrativas e a ascensão de uma infinidade de pequenas narrativas locais e específicas.

A desconfiança em relação aos discursos universais está ligada ao questionamento das certezas e do autoritarismo das grandes verdades, que, muitas vezes, são impostas como se fossem absolutas. Em vez disso, na pós-modernidade, há uma valorização da subjetividade, da relatividade e da aceitação das múltiplas verdades que coexistem no mundo. Em síntese, a essência da pós-modernidade, ao destacar a

ênfase na diversidade, na complexidade e na recusa de grandes totalidades explicativas, aponta para um mundo mais plural e fragmentado, em que as certezas são substituídas pela indeterminação e pela constante negociação de significados.

Fernandes (2009) ressalta a relevância do conceito de "metaficção historiográfica" desenvolvido por Linda Hutcheon, destacando sua contribuição para uma abordagem renovada dessas narrativas. Conforme descrito, a "metaficção historiográfica" diz respeito a obras ficcionais que se fundamentam em eventos históricos, porém promovem uma reinterpretação do passado, oferecendo múltiplas perspectivas para a análise da história de uma nação. Tal abordagem reconhece a natureza discursiva da história oficial e a possibilidade de sua interpretação e reinterpretação ao longo do tempo.

Os traços presentes na literatura de Tereza Albues são reflexo do ambiente em que a autora vive e experiência, evidenciando-se em suas narrativas. Esta característica confirma o fato de que, enquanto escritora, ela se desloca, adaptando-se aos novos contextos e passando por transformações em sua própria identidade. Ao escrever seus contos, Albues nos surpreende com personagens de diferentes origens, locais e costumes, construindo um verdadeiro mosaico multicultural que reflete tanto as peculiaridades individuais quanto as características universais do ser humano.

Seus escritos têm como objetivo despertar a conscientização e acrescentar novos conhecimentos. Desprezam obras que oferecem apenas entretenimento superficial, sem contribuir para a reflexão ou ao enriquecimento pessoal. A proposta é criar leitores que não apenas busquem distração na leitura, mas que também se sintam motivados a refletir e a buscar novas perspectivas que os levem a uma vida mais plena e significativa.

O tradicional desfecho "Felizes para sempre" está em questão e, em alguns momentos, até mesmo ameaçado de extinção. Isso ocorre porque as personagens femininas criadas por Albues são exploradoras, determinadas a encontrar a felicidade a seu próprio modo, distanciando-se da ideia de final feliz baseado em estruturas patriarcais, onde príncipes supostamente encantados impõem controle sobre as personagens femininas, restringindo sua autonomia e transformando-as em marionetes.

“Por onde andarás?”: errância e nomadismo.

O conto "Por onde andarás?" (2008, p. 85-88), que integra a coletânea *Buquê de Línguas* (2008), narra a história de uma travesti, descrita de maneira poética, cuja solidão e desprezo emergem tanto de si mesma quanto da sociedade. Esse desmerecimento é também enfrentado por mulheres que não correspondem aos padrões impostos.

Ao criar uma narrativa centrada em uma travesti, Tereza Albues dá voz a um grupo minoritário frequentemente desrespeitado, violentado e silenciado. A representação de pessoas transsexuais na literatura tem evoluído, refletindo mudanças nas atitudes sociais e na compreensão da identidade de gênero. Segundo Harvey (2004, p. 52), "a ideia de que todos os grupos têm direito de falar por si mesmos, com sua própria voz, e de ter essa voz aceita como autêntica e legítima, é essencial para o pluralismo pós-moderno".

Inicialmente, as representações literárias de pessoas transsexuais eram muitas vezes estereotipadas, superficiais ou negativas, perpetuando preconceitos. No entanto, com o crescimento da consciência e da sensibilidade sobre questões de gênero, observa-se um aumento na diversidade e na representação autêntica de personagens transsexuais. Autores têm se esforçado para criar personagens complexos e multifacetados, cujas histórias abordam questões de identidade, relacionamentos e experiências humanas universais.

Na trama, o espaço transborda sinestesia: cores e sentidos se fundem para descrever a poética trágica do cotidiano vivido por aqueles que vivem à margem da sociedade.

Era uma tarde, nem morna, nem púrpura. Devassa. Pela fresta da janela a luz baça entrava e safa com uma intimidade de clientes em cabarés baratos. Nenhuma senha, contra-senha, reservas antecipadas. Os gestos aconteciam e se sucediam com uma libertinagem assombrosa. Transeuntes desocupados ou empenhados em alguma tarefa tardia ou escusa, ou mesmo obtusa, avançavam sem pudor, nas entrelinhas do desejo (Albues, 2008, p. 85).

A ambientação se refere à descrição do ambiente físico, social e emocional no qual a história se desenrola, o que inclui detalhes sobre o cenário, a atmosfera e as condições que influenciam a trama e os personagens, por meio de sensações palatais,

olfativas, visuais, táteis e auditivas. No conto em análise, a narradora enfatiza a cor púrpura, por exemplo.

Púrpura é uma cor que geralmente é descrita como uma tonalidade entre o vermelho e o azul. Ela é associada à realeza, nobreza e espiritualidade em várias culturas. Além disso, "púrpura" também pode se referir a uma condição médica caracterizada por manchas roxas na pele devido a sangramento sob a pele; e, na narrativa de Albues, faz referência à violência física sofrida por mulheres e travestis nos “pontos” de prostituição.

O vocábulo “púrpura” evoca, automaticamente, o filme *A cor púrpura*, dirigido por Steven Spielberg, lançado em 1985. Baseado no romance homônimo de Alice Walker, o filme reconstitui a vida de uma mulher negra no sul dos Estados Unidos no início do século XX. Aborda questões como racismo, sexismo e relações familiares. O filme recebeu aclamação da crítica e foi indicado a vários prêmios, incluindo o Oscar. É uma poderosa história sobre superação e resiliência.

Para a instauração da ambientação, Albues aciona os cinco sentidos dos seres humanos. Os órgãos do sistema sensorial - pele, língua, nariz, ouvidos e olhos – conduzem o leitor àquele ambiente descrito no conto:

Nas calçadas movimentadas, pernas, calças, saias, sapatos baixos, altos, sandálias, mocassins, tênis, tamancos, botas abafadas, ousadas, de doer. Nos olhos de verniz e no baque surdo do calcanhar. No andar suado, excitado, o resfolegar das têmporas, narinas abertas, ouvidos moucos, zunidos abstratos. Quantos sobressaltos! Quanta falta de senso, contra-senso, contraponto. Na esquina da rua Augusta, nem tão astuta quanto quer parecer, a moça ausculta. Vem do interior, ausculta. O tempo, nem tanto. O tampo do esgoto aberto, detritos escorrendo vadios, gosmentos. No ar o odor pestilento, na cara a dor macilenta. Nos ônibus e táxis lotados, um sinal de que a vida se comprime. Como o espaço que divide com outras moças esperançosas. Não há vaga. Nem nos empregos nem no coração de alguém nem na cidade caótica nem nas sarjetas escorregadias. O disponível é um ponto que não se alcança. Nem por acaso. O acaso talvez (Albues, 2008, p. 85-86).

A Rua Augusta atravessou décadas sendo associada à prostituição em certos momentos de sua história. No passado, especialmente na Baixa Augusta, a região era conhecida por ter uma presença significativa de profissionais do sexo, o que gerou certa notoriedade nesse aspecto. No entanto, nos últimos anos, esforços foram feitos para

revitalizar a área e reduzir essa associação, com iniciativas para transformar a Rua Augusta em um polo cultural e gastronômico. É importante notar que a situação pode ter mudado ao longo do tempo, e é sempre bom verificar informações atualizadas sobre qualquer região ao planejar uma visita.

A personagem protagonista se chama Liana, uma travesti, que nesta narrativa não se personifica apenas como uma pessoa, mas como a voz suprimida de uma minoria desprezada e abominada socialmente. Marginalizadas de forma cruel e injustificada, essas pessoas não conseguem oportunidades profissionais, restando-lhes oferecer o corpo para manter o próprio sustento. Segundo Oliveira (2016, p. 6), no caso das travestis, a prostituição aparece, notadamente, como atividade quase unânime em algum ponto de suas vidas, uma vez que sua condição as leva a serem excluídas do mercado de trabalho formal.

Segundo Zolin (2009, p. 90), a palavra gênero significa:

Categoria tomada pela crítica feminista de empréstimo à gramática. Originariamente, gênero consiste no emprego de designações diferenciadas que visam designar indivíduos de sexos diferentes ou coisas sexuadas. A crítica feminista, todavia, fez com que o termo assumisse outras tintas: toma-o como uma relação entre os atributos culturais referentes a cada um Gênero dos sexos e à dimensão biológica dos seres humanos. Trata-se, portanto, de uma categoria que implica diferença sexual e cultural. O sujeito é constituído no gênero em razão do sexo a que pertence e, principalmente, em razão de códigos linguísticos e representações culturais que o matizam, estabelecidos de acordo com as hierarquias sociais.

É importante reconhecer que o conceito de gênero é complexo e está sujeito a evoluções e discussões na sociedade contemporânea, de modo que compreender suas nuances contribui para promover a igualdade, a diversidade e o respeito pelas diversas identidades de gênero presentes em nossa sociedade.

[...] Nos ônibus e táxis lotados, um sinal de que a vida se comprime. Como o espaço que divide com outras moças esperançosas. Não há vaga. Nem nos empregos nem no coração de alguém nem na cidade caótica nem nas sarjetas escorregadias. Quem sabe esta noite. Na avenida movimentada, encontrarei o que procuro. Mas se nem sei o que procuro. Como encontrar o que não se busca? Assusta (Albues, 2008, p. 85-86).

No conto, os meios de locomoção representam mais do que simplesmente a locomoção de um ponto a outro. Eles podem ser usados para expressar temas, emoções e jornadas pessoais ou coletivas, bem como a transição, o movimento e a transformação, refletindo o estado emocional dos personagens.

Quimeras, era o nome do bar ou o que eu embalava dentro de mim, como uma canção que nem era de ninar, mas que tinha uma entonação de rede balançando, num rancho de palha de minha infância? Ah, se eu dissesse isso para as colegas paulistas... Tão longe da realidade delas, tão próximo da minha história, tão distante do meu presente... O que nos colocaria numa igualdade sem igual. Quer contradição maior? Em plena São Paulo das garças decantadas, quem se assombra? (Albues, 2008, p. 86).

De acordo com Claude Pouzadoux (2001), “Quimera” é um termo que pode ter diferentes significados dependendo do contexto. No contexto da biologia, uma quimera se refere a um organismo composto por células de dois indivíduos geneticamente distintos. Também pode ser usado metaforicamente para descrever algo irreal ou ilusório. Na mitologia grega, a “Quimera” era um ser monstruoso descrito como tendo a cabeça de um leão, o corpo de uma cabra e a cauda de uma serpente. Acreditava-se que ela exalava chamas pelo corpo e causava terror onde quer que passasse. A “Quimera” foi derrotada pelo herói Belerofonte, com a ajuda do cavalo alado Pégaso. Belerofonte foi um herói mítico grego conhecido por domar o cavalo alado Pégaso e por derrotar a Quimera, o temível monstro de cabeça de leão. Ele também é associado a outras aventuras heroicas, como a luta contra as amazonas e a batalha contra os sólimos. No entanto, apesar de suas realizações, Belerofonte encontrou dificuldades em lidar com sua própria arrogância, o que eventualmente levou à sua queda. A história da Quimera costuma ser utilizada como símbolo de desafios ou adversidades sobre-humanas.

Assim, o bar “Quimera” seria o lugar onde as travestis, frequentemente subjugadas por sua sexualidade e aparência física, encontram refúgio, mesmo que essa associação seja muitas vezes feita pela sociedade com o hibridismo biológico, refletido na oposição macho e fêmea e na monstruosidade da Quimera mitológica. A sociedade mantém diversas perspectivas em relação às travestis, e, lamentavelmente, muitas delas estão impregnadas de preconceito e discriminação. As travestis enfrentam estigma

social, exclusão e violência devido à sua identidade de gênero. São marginalizadas e enfrentam dificuldades para acessar oportunidades de educação, emprego e saúde.

A cidade de São Paulo, conhecida por sua diversidade e imensidão, é um cenário fértil para uma infinidade de vivências diversas. Como uma das maiores metrópoles do mundo, abriga uma multiplicidade de culturas, identidades, experiências e perspectivas que se entrelaçam em seu tecido urbano. A cidade é palco de contrastes sociais, econômicos e culturais, onde diferentes realidades coexistem lado a lado. Das áreas urbanas mais desenvolvidas e cosmopolitas aos bairros periféricos e comunidades tradicionais, é um mosaico de vivências que refletem a complexidade da sociedade contemporânea, conforme descrito em “Por onde andarás?”:

[...] o cinzento da cidade é dúbio, como dúbio é nossa estadia neste planeta. Caio Fernando Abreu que o diga. [...] Afora os americanos do norte, que dizem na cara do latino estupefato: Be specific! – porque não conseguem lidar com a obra aberta da vida – afora eles, não é Caio? Quem precisa de? Ora, direis, vamos ouvir besteiras. Estrangeiras ou caseiras (Albues, 2008, p. 86).

A narradora evoca Caio Fernando de Abreu, um escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro conhecido por sua escrita sensível e introspectiva. Ele é celebrado por suas crônicas, contos e romances que exploram temas como amor, identidade, solidão e a condição humana. A evocação a Caio, pela narradora, pode ser explicada por sua influência significativa na literatura brasileira contemporânea, sendo reconhecido por sua habilidade em capturar as complexidades das emoções e relacionamentos humanos. Sua escrita muitas vezes abordava questões sociais e existenciais, conectando-se profundamente com seus leitores.

“Um acordeão antigo murmura Astor Piazzola, a música passa despercebida. A tragédia dos tangos se sobrepõe a miséria concreta de todo o dia. O som se mistura a outros restos de melodias e se perde pela noite anónima” (Albues, 2008, p. 87). O tango é uma dança e gênero musical que tem origens nas áreas portuárias de Buenos Aires e Montevidéu, no final do século XIX. É conhecido por expressar uma variedade de emoções, incluindo paixão, melancolia e amor, o que o torna um gênero musical profundamente ligado às experiências dos apaixonados. Muitas letras de tango abordam temas relacionados ao amor, desilusão, saudade e desejo, refletindo as complexidades e

intensidades das emoções humanas. A música de tango, marcada por melodias envolventes e ritmos sensuais, tem o poder de evocar sentimentos profundos e apaixonados em seus ouvintes. Astor Piazzolla, com sua música inovadora e distintiva, trouxe uma abordagem contemporânea ao tradicional gênero do tango, expandindo suas fronteiras e atraindo uma audiência global. Suas composições são marcadas por complexidade harmônica, ritmos pulsantes e uma expressividade emocional única, refletindo a fusão de influências musicais diversas.

A vida solitária enfrentada por muitas travestis é uma realidade dolorosa e complexa. A discriminação, o estigma e a falta de aceitação social resultam em isolamento e solidão. A jornada de uma pessoa travesti pode ser marcada por desafios significativos, incluindo a rejeição da família, dificuldades no acesso a oportunidades educacionais e de emprego, assim como a falta de suporte emocional e comunitário.

De acordo com Soares (1996, p. 221), o termo "politicamente correto" suscita as reações mais extremadas, aquelas que "desqualificam, com desprezo arrogante, por princípio e in limine, tudo o que estiver associado aos temas dos direitos das minorias ou às questões feministas". Albues utiliza a concordância no gênero masculino "o travesti", uma construção verbal comum no século XX e início do XXI; no entanto, essa prática foi corrigida na contemporaneidade como resultado das lutas dos movimentos LGBTQIA+, sendo agora aceito apenas o gênero feminino, reservando aos preconceituosos e disseminadores de ódio a concordância do século XX.

O travesti, conhecido como Liana, redobra nos requebros, exagera o batido do salto das botas nas calçadas frias. Ressonâncias apelativas, no exercício do velho ofício. Nenhuma artimanha surte efeito. Ódio acumulado. Desgraça de profissão. Pelos becos o negrume, estrume, picadeiro de circo pobre, desmontado às pressas, a trupe aboletada nos caminhões, à deriva da sorte. Há um clima ambíguo de luz e dor e sombras e solidão e gritos e risos e um leve tremor de terra insone (Albues, 2008, p. 87-88).

A solidão das pessoas travestis costuma ser agravada pela falta de compreensão e apoio da sociedade, o que pode gerar sentimentos de exclusão e alienação. Além disso, a violência direcionada a elas contribui para um ambiente de medo e insegurança, reforçando ainda mais o isolamento. É preciso reconhecer que esses sentimentos são consequências diretas da discriminação sistêmica e da falta de direitos iguais. Conforme

observa Magalhães, "a discriminação, o preconceito e a exploração são sintomas de um poder abusivo, seja ele proveniente da esfera particular ou governamental" (Magalhães, 2002, p. 103), perceptível na personagem Liana:

Exausta, Liana está a ponto de desistir. Na última tentativa, um carro pára, ela entra, o rádio está tocando Vida Breve, de Cazuza. O homem pergunta, gosta da música? Adoro. Pois eu odeio, rosna o homem. Meia-idade, terno e gravata, careca. Desliga o rádio. Pisa fundo no acelerador. O perigo se anuncia na noite. Nem morna, nem devassa. Púrpura. Liana apalpa a navalha na bolsa, as longas unhas pintadas de vermelho-cintilante (Albues, 2008, p. 88).

Cazuza foi um cantor, compositor e poeta brasileiro que ganhou destaque como vocalista da banda Barão Vermelho. Reconhecido por suas letras poéticas e marcante atuação no cenário do rock brasileiro nos anos 80, seu legado artístico continua influenciando gerações até hoje. "Vida Breve" é uma de suas músicas mais conhecidas, na qual aborda a intensidade da vida, a busca pela liberdade e o desejo de viver plenamente, mesmo diante das adversidades e incertezas. Cazuza expressa sentimentos de rebeldia, questionamento e anseio por aproveitar cada momento, mesmo que isso signifique desafiar os padrões convencionais de vida. A música ressoa com muitas pessoas que buscam autenticidade e intensidade em suas vidas

A violência contra travestis é um problema grave e recorrente em muitas sociedades. Travestis, assim como outras pessoas transgênero, enfrentam altos índices de violência, discriminação e marginalização devido à sua identidade de gênero. Essa violência pode se manifestar de várias formas, desde agressões físicas até abusos verbais, exclusão social, discriminação no acesso a serviços básicos e até mesmo assassinatos motivados por transfobia. Oliveira (2016, p. 11) destaca que "Juntamente à prostituição, travestis encontram a violência, seja por parte da sociedade que as rejeita, seja por parte dos policiais que as espancam e as tratam como homens, seja por parte de seus clientes, que as objetificam".

A falta de aceitação e compreensão em relação à identidade de gênero das pessoas trans contribui para um ambiente hostil e perigoso, no qual a comunidade trans enfrenta desafios significativos para viver com segurança e dignidade. A violência contra travestis é agravada pela interseccionalidade com outras formas de opressão,

como racismo, pobreza e falta de acesso a oportunidades educacionais e econômicas. Butler (2010, p. 329) afirma que:

As reificações de gênero e identidades cristalizam hierarquias e alimentam relações de poder, o que normaliza corpos e práticas, reproduzindo privilégios e exclusões. Essa normalização das identidades –e sua consequente opressão– define padrões de comportamentos rejeitando diferenças.

Diante do exposto, a luta contra a violência dirigida às pessoas trans, incluindo as travestis, requer um esforço coletivo para promover a conscientização, a educação e a defesa dos direitos humanos, o que implica políticas públicas inclusivas, programas educacionais, apoio psicossocial, garantia de acesso à justiça e o combate ativo à discriminação e estigmatização.

Considerações Finais

A condição feminina, expressão popularmente utilizada, pois a mulher era perpetuada “condição” de invisibilidade, que, com o passar dos séculos passou a ser referida de “situação”, a partir da percepção que as mulheres estavam transmutando seu papel na história. O corpo feminino, durante décadas, tem sido considerado objeto de pertencimento dos homens, o que lhe era condicionado, o silenciamento; ou seja, embora tenham ocorrido diversas transformações, a luta pelo respeito à mulher e à não violência em suas diversas formas, ainda é constante.

O patriarcado, arraigado em diversas sociedades ao longo da história, manifesta-se de várias maneiras, incluindo a apropriação dos corpos femininos e a violência de gênero. Essa dinâmica complexa de opressão não apenas desumaniza as mulheres, mas também perpetua uma cultura de controle e submissão.

A apropriação dos corpos femininos é uma questão que se reflete em diferentes esferas, desde o cotidiano até a representação na mídia. Muitas vezes, os corpos das mulheres são vistos como objetos de desejo ou como territórios a serem dominados, resultando em uma desvalorização da autonomia feminina. Isso se manifesta em práticas como a objetificação nas redes sociais, em propagandas e na indústria do entretenimento, onde o corpo feminino é reduzido a um mero acessório, ignorando sua individualidade e complexidade.

A violência contra as mulheres, que pode se materializar de várias formas (física, sexual, psicológica e simbólica), é uma consequência direta dessa apropriação e desumanização. O machismo cria um ambiente que não apenas normaliza a violência, mas também a silencia. Muitas mulheres enfrentam o medo de represálias ao denunciarem abusos, o que perpetua um ciclo de impunidade e sofrimento. Dados alarmantes sobre feminicídios e agressões são um reflexo do quanto essa cultura é enraizada e da necessidade urgente de mudança.

Além disso, a interseccionalidade desempenha um papel crucial na compreensão dessas questões. Mulheres de diferentes classes sociais, etnias e orientações sexuais enfrentam diferentes formas de opressão e violência, e é fundamental reconhecer que a luta contra o machismo deve ser inclusiva, abordando as especificidades de cada grupo.

Para enfrentar essas questões, é essencial promover a educação sobre igualdade de gênero desde a infância, desconstruir estereótipos e incentivar a empatia e o respeito mútuo. O empoderamento feminino, por meio de espaços de escuta e apoio, também é uma ferramenta vital para que as mulheres reivindiquem seus direitos sobre seus corpos e vidas. A luta contra o machismo e a violência de gênero é um esforço coletivo que demanda a participação de toda a sociedade, visando construir um mundo onde todas as mulheres possam viver com dignidade, segurança e autonomia.

A arte, nas diversas épocas, serviu como mecanismo para expressar os anseios humanos em seus diferentes contextos de experiência humana. A literatura possibilita aos seus leitores entender este emaranhado de conflitos que os cercam e os definem como sujeitos pensantes e atuantes da sociedade em que vivem. A escrita da autora Tereza Albues, em suas obras, transparece o caráter social quando constrói suas personagens espelhando-se no real.

O universo narrativo de Tereza Albues é estruturado de forma singular, a realidade com elementos fantásticos, narrativas ficcionais que apresentam os conflitos que assolam a humanidade embebidos de suas memórias ancestrais que ambientalizam o Pantanal Mato-grossense. O silenciamento pela qual passava a personagem é a recriação da situação de muitas mulheres, uma história que representa diversas realidades da vida cotidianas, mulheres que têm seus corpos violados pela repressão velada existente até os dias atuais.

Tereza Albues é uma escritora e pensadora que se destaca pela profundidade e relevância de suas obras, especialmente no que diz respeito à defesa dos corpos femininos e à luta por igualdade e respeito. Sua escrita é uma ferramenta poderosa que não apenas expressa experiências pessoais, mas também provoca reflexões sobre questões sociais e culturais que afetam as mulheres.

"Por onde andarás?", em particular, é uma obra significativa que aborda a autonomia e a liberdade dos corpos femininos. Nele, Tereza Albues faz uma análise crítica sobre as pressões e os estigmas que as mulheres enfrentam em diferentes contextos. Ao narrar as vivências e as lutas diárias, ela destaca a importância de cada mulher reivindicar seu espaço e seu direito de existir plenamente, sem medo ou julgamento.

A importância da escrita de Tereza Albues reside na sua capacidade de dar voz a um universo feminino muitas vezes silenciado. Através de suas palavras, ela não apenas relata dores e desafios, mas também celebra a resistência e a força das mulheres. Seu trabalho contribui para a construção de uma nova narrativa em que os corpos femininos são vistos como sujeitos de direitos, e não como objetos de controle.

Além disso, a obra de Tereza Albues é fundamental para inspirar novas gerações a questionarem normas sociais e a se engajarem na luta por justiça e igualdade. O texto "Por onde andarás?" se torna um chamado à ação, incentivando cada mulher a se reconhecer como protagonista de sua própria história e a lutar por um mundo onde todas possam andar livremente, sem medo de represálias.

Em suma, a escrita de Tereza Albues é uma luz que ilumina as questões femininas contemporâneas, e "Por onde andarás?" é uma peça-chave nesse mosaico de resistência e empoderamento. Por meio de suas palavras, ela nos convida a refletir, a agir e a transformar a sociedade em um lugar mais justo e igualitário para todos.

Referências

ALBUES, Tereza. *Buquê de Línguas*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2008.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p.169-191.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-24.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *Literatura e poder em Mato Grosso*. Brasília: Ministério da Integração Nacional. Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.

OLIVEIRA, Francine. Travestis na literatura: personagens e identidades abjetas. *Darandina Revisteletrônica*, v. 8, p. 1-15, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/33839472/Travestis_na_Literatura_Personagens_e_Identidades_Abjetas. Acesso em: 17 jan. 2025.

POUZADOUX, Claude. *Contos e lendas da mitologia grega*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOARES, Luiz E. (org.). *Violência e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro Da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo, Cortez, 2005.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, jul./dez. 2009.

Recebido em: 31/01/2025

Aceito em: 25/05/2025